



Editorial

Sandro Adrián Baraldi

Parece que escolher a decolonialidade como meta filosófica do tempo presente foi uma boa escolha. Esta cultura que oprime o planeta com suas escolhas colonizadoras de mentes, corpos e recursos volta à carga justamente quando tudo indicava seu esgotamento. E lá vamos nós a mais uma empreitada colonizadora mundial.

Sou o único que acha que a terceira guerra mundial acabou de começar? Israel com gana conquistadora investe na colonização dos países próximos, “limpando a casa” dos palestinos, quiçá justamente para incentivar o ódio antissemita que tradicionalmente retorna. Ou seja, criando propositalmente um ambiente hostil contra si mesmo. É claro que isso não é interesse do povo que habita Israel, mas é interesse dos grupos de bilionários que estão por trás de uma guerra de grandes proporções. EUA, apadrinhando o horror provocado pelo estado colonizador israelense, garante que esta empreitada se solidifique. E para quê? Oras, desdolarização e controle do petróleo são as primeiras ideias que me ocorrem.

Outra ideia, mais especulativa, os EUA conseguirem pontos estratégicos de desembarque de suas tropas pelo mediterrâneo e pelo Pacífico Norte, estrangulando a China em duas frentes. Se o intento norte americano é atacar a China, Israel está abrindo caminho pela Cisjordânia, Líbano e Síria. Seguem Iraque, Irã, Kuwait e Afeganistão que faz fronteira com a China.

Iraque foi fragmentado politicamente pelos EUA em 2003 com a Guerra do Iraque. Seus efeitos seguem até hoje (BBC Brasil, 2023 e Brasil de Fato, 2023). O Iraque começou como aliado dos EUA, de 1980 a 1988, durante a guerra patrocinada pelos EUA contra o Irã. A desculpa era lutarem contra o terrorismo internacional.

Aconteceu o mesmo com o Irã. Os EUA patrocinaram um Golpe de Estado, em 1953, Golpe este que durou até 1979 quando houve um Contra-Golpe (BBC Brasil, 2020). A partir daí, os EUA se tornaram inimigos do Irã, se aliaram ao Iraque, em 1980, e declararam guerra ao Irã.

Até hoje estes dois povos não se restabeleceram do caos provocado pelos EUA. Resultado: fragilizaram Irã e Iraque. A mais recente investida contra o Irã foram os embargos econômicos provocados pelo presidente norte americano Donald Trump, em 2018. Temos, hoje, um Irã empobrecido e enfraquecido pelos EUA.

Se hoje, o Irã entrasse em guerra contra Israel, os EUA já declararam que os “defenderia” atacando o Irã de maneira rápida e decisiva (conforme entrevista do secretário de Estado Blinken à CNN em 24/10/2023).

Depois temos Kuwait, que provavelmente se aliaria aos EUA, já que estes o defenderam contra o Iraque durante a Guerra do Golfo, de 1991.

Por fim, o Afeganistão foi invadido pelos EUA em 2001, em resposta ao ataque às Torres Gêmeas, deixando o país em frangalhos sob uma guerra civil com o Talibã, este também cria dos EUA.

Todo o Oriente Médio continua muito instável (BBC Brasil, 2023) até hoje, após essa sucessão de guerras “norte-americanas”, o que cria um ambiente propício para uma invasão territorial até a China.

Enfim, tirar estas informações de notícias sempre colocará em dúvida o conteúdo a que fomos expostos, pois este conteúdo vem de órgãos de imprensa nada científicos. Mas o ponto que é indiscutível é a mentalidade de intervenção armada estadunidense que percorreu o século XX, quando lhe era conveniente. Atitude “colonial”: invasão territorial pelas forças armadas e pelas forças ideológicas e expropriação dos povos que lá habitam. E, atualmente, caiu a máscara, as invasões são múltiplas, com muito mais intensidade e crueldade. As negações e as justificativas voltadas a se criar uma ideia de que os norte americanos são os bons mocinhos do planeta não interessam mais: os representantes dos EUA já não se importam mais com o que o mundo pensa deles.

Vejo isso como um *backlash* colonialista, uma retomada, um retorno, digamos assim, a ideias coloniais de conquista, controle e expolição, que pareciam superadas.

Como resistir ao revertério colonialista? Para mim, não há forma mais poderosa do que mudar a ideologia colonial que “se insere” nas mentes de todas as pessoas do planeta. Decolonizar é a

solução mais eficiente, porém menos rápida, que possuímos. Isso não significa abandonar todas as outras formas de resistência possíveis, contanto que sejam balizadas pela decolonialidade. Mas ter em mente que a insistência em um ideário decolonial É a forma mais duradoura e efetiva de mudar o planeta. Este é o firme propósito desta revista, feita para experimentar ideias decoloniais voltadas principalmente à Educação, não à educação formal apenas, mas à educação como possibilidade para o ser humano se reconquistar humano e assim crescer em experiências humanas.

Para quem levantar a mesma bandeira, sigamos firmes em nosso propósito esclarecedor, embora a resistência colonial seja, hoje, abissal.

Boa leitura!

Referências:

BBC News Brasil <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clj7n14gdlwo>, 19/03/2023.

BBC News Brasil <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50983943>, 03/01/2020.

Brasil de Fato <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/20/guerra-no-iraque-uma-mentira-e-suas-longas-consequencias> 20/03/2023.

CNN <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-nao-buscam-guerra-com-o-ira-mas-se-defenderiam-de-forma-decisiva-e-rapida-em-caso-de-ataque-diz-blinken/> 24/10/2023.

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Editor Chefe da Revista Cactácea <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/index>.

Pesquisador do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e filosofia

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/657508>.

Pesquisador do GRUPEFE- Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33966> .

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>.